

INTRODUÇÃO

Organizar uma antologia nunca deixou de ser, por vários motivos, tarefa difícil.

De início, nem sempre se tem à mão o material necessário para a escolha de trechos de autores que realmente possam ser considerados antológicos. Os livros, no caso, folhetos, uns não existem mais, outros fazem parte de coleções particulares guardadas a sete chaves, alguns pertencem a entidades de difícil acesso.

Por outro lado, pesa muito a questão de gosto, principalmente quando se sabe que gosto não se discute, cada qual tendo o seu. Mas, este trabalho de selecionar tinha que ser feito, mesmo enfrentando muitas dificuldades.

Tendo como universo a poesia popular de Pernambuco, compreendendo não somente a registrada em folhetos vendidos nas feiras da zona rural, onde se faz sentir a predominância de sua leitura e de seu consumo, mas a poesia associada à música pelos cantadores de improviso nas peijas e repentis, mais um problema surgiu quando o trabalho de coleta de material para esta Antologia da poesia popular de Pernambuco foi iniciado: encontrar a produção poética dos cantadores/violeiros que, como se sabe, é feita de improviso, sem nada ficar registrado no papel. Foi, sem dúvida, a dificuldade maior encontrada na elaboração deste trabalho feito com cuidado e a quatro mãos.

Tratando-se de uma antologia da poesia popular de Pernambuco, os cantadores tinham que dela participar, dada a sua importância na história da poesia popular do Nordeste. E, assim, confessamos, pelos motivos referidos, a impossibilidade de ser feito um trabalho mais completo, englobando maior número de poetas populares da viola.

Tivemos o cuidado especial de só arrolar os poetas genuinamente populares, sem que tal procedimento tivesse a intenção de menosprezar os autores eruditos de poesia popular.

Fato interessante: a maioria dos cantadores está localizada no Agreste e no Sertão. Na Zona da Mata, poucos violeiros/poetas foram encontrados.

Em nosso modo de encarar o fato só encontramos uma explicação: no processo de colonização econômica de Pernambuco, os escravos africanos foram fixados na Zona da Mata, trabalhando na cultura da cana-de-açúcar, enquanto que os portugueses - os donos da terra - com sua reconhecida mobilidade e espírito de aventura, buscaram o Oeste à procura de riquezas, de eldorados, descobrindo e povoando, assim, o Agreste e o Sertão, o que justifica a predominância do caboclo em tais regiões, contra uma pequena percentagem de negros ou, mesmo, de mulatos. É bom não esquecer que em sua marcha para o Oeste o colonizador português não deixou de conduzir, em sua bagagem a viola, para matar a saudade da terra de origem.

Tomando como ponto de partida o Dicionário Biobibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada, trabalho pioneiro no gênero, de Átila Almeida e José Alves Sobrinho, é que chegamos à conclusão do que acima foi exposto.

No Agreste, registramos 73 cantadores. No Sertão, 48. Na Zona da Mata, apenas 38. Mas, a capital da cantoria é o município de São José do Egito. Tanto é assim que dos 48 repentistas sertanejos, 32 nasceram naquele município.

Eis, pois, o nosso trabalho que nada mais é - assim o julgamos - do que uma modesta contribuição ao estudo da poesia popular nordestina.

Recife, março, 1986

Mário Souto Maior
Waldemar Valente

Fonte: MAIOR, Mário Souto, VALENTE Waldemar.. *Antologia da poesia popular de Pernambuco*. Recife: FUNDAJ, 1989. 246p.